

Associação Nacional de História – ANPUH

XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - 2007

A sanha brejeira contra os jacobinos regenciais. Os cabanos de PE-AL (1832-1836)

Janaina Cardoso de Mello*

Resumo: Em abril de 1833, uma carta do líder cabano Vicente Ferreira de Paula no Brejo (PE) expressava a ira dos "pobres das matas" contra a Regência, responsabilizada pela queda do Imperador D. Pedro I. Na escrita, os ideais políticos restauracionistas aliando demandas como: posse territorial de índios e mestiços, liberdade religiosa, abrigo de negros fugidos da escravidão, fim dos recrutamentos. Palavras contestadas nas correspondências provinciais publicadas nos periódicos oitocentistas de PE, AL e RJ. Discursos marcando a "selvageria" das "gentes do sertão" ou silenciados da memória historiográfica ao revelarem a fragilidade da Nação. Fragilidade exposta em desacertos militares e políticos da administração provincial e do centro-sul, percebida nos Relatórios de Ministros. Os cabanos negociaram seus interesses, sendo fundamental correlacioná-los às idéias de E.P. Thompson, George Rudè e James Scott.

Palavras-chave: rebeldes; periódicos; negociação.

Abstract: In April of 1833, a letter of the cabano leader Vicente Ferreira de Paula in Brejo (PE) expressed the anger of the "poor persons of the bushes" against the Regency, made responsible for the fall of Emperor D. Pedro I. In the writing, the ideals restauracionistas politicians uniting demands as: territorial ownership of indians and mestizos, religious freedom, shelter of blacks run away from the slavery, end of the conscriptions. Words contested in the published provincial correspondences in the periodic of the century XIX at PE, AL and RJ. Speeches marking the "savagery" of the "people of the hinterland" or silenced of the memory and history when disclosing the fragility of the Nation. Fragility displayed in military mistakes and politicians of the provincial administration and the center-south, perceived in the Reports of Ministers. The cabanos had negotiated its interests, having been basic to correlate them it the E.P ideas. Thompson, George Rudè and James Scott.

Key-words: rebels; periodic; negotiation.

Originário na Revolução Francesa (1789), o termo **jacobinismo**¹, também chamado **jacobismo**, tem um significado difuso. É geralmente direcionado de forma pejorativa a qualquer corrente de pensamento que, para quem aplica o termo, seja "defensora

* Profa. Assistente de História do Brasil na Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL), *Campus III* e Doutoranda em História Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), sob a orientação dos Professores Doutores Marcos Bretas e Marco Morel. Coordenadora do Núcleo de Estudos Argonautas (NEAR) da UNEAL. E-mail: janainamello@uol.com.br

¹ Receberam a denominação de "jacobino" pois reuniam-se inicialmente no Mosteiro de São Tiago (do nome "Tiago" em latim: *Jacobus*). Seus membros defendiam mudanças mais radicais que os girondinos: eram contrários à monarquia e queriam implantar uma república; achavam que todos os cidadãos da França deviam ter o direito de voto; eram favoráveis à abolição da escravidão nas colônias e ao tabelamento de preços. Esse grupo era apoiado por um dos setores mais populares da França - os *sans-cullotes* - e, juntos, lutaram por outras mudanças sociais depois da revolução. Sentavam-se à esquerda do salão de reuniões.

de opiniões revolucionárias extremistas". É atribuído por pessoas de direita às pessoas com tendências liberais ou que defendem um populismo radical.

No Brasil, o termo jacobino foi aplicado no início da República Velha, para designar os republicanos radicais (entre eles, alguns positivistas e militaristas) que defendiam um governo populista autoritário. Todavia, de acordo com a análise política de José Murilo de Carvalho sobre a herança imperial legada ao regime republicano recém-instaurado:

Bem ou mal, a Monarquia brasileira ensaiou um governo de gabinete com partidos nacionais, eleições, imprensa livre. Em matéria administrativa, a inspiração veio de Portugal e da França, pois eram esses os países que mais se aproximavam da política centralizante do Império. O direito administrativo francês era particularmente atraente para o viés estatista dos políticos imperiais. (CARVALHO, 1990:23)

Aliada à idéia de jacobinismo está o pensamento liberal, uma ideologia burguesa com origem no desenvolvimento do capitalismo e crise da sociedade senhorial, tendo seus princípios também oriundos da Revolução Francesa com a promulgação da Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão. Essa “cartilha do cidadão” deveria:

(...) refletir os interesses coletivos, já que teoricamente todos passavam a ser iguais perante a lei, ficando abolidos privilégios, distinções ou hierarquias que não resultassem de mérito individual. Além disso asseguravam-se aos cidadãos as liberdades individuais e o direito de propriedade. (GUIMARÃES, 2001:103)

Ideário presente nos periódicos oitocentistas moderados ou exaltados, ressaltando-se àqueles que propriamente eram vistos como jacobinistas: *Sentinella da Liberdade* de Cipriano Barata e *Nova Luz Brasileira* de Ezequiel Corrêa dos Santos, articuladores de uma linguagem política instituidora de matrizes sócio-intelectuais e fundamentos ideológicos configurando um vocabulário político em evidência nos estudos de John Pocock e Quentin Skinner, para quem:

a linguagem normativa disponível, expressa em termos de um vocabulário próprio, configura-se como um elemento fundamental no estabelecimento, na definição e na resolução das principais questões problematizadas em uma dada época; contribui para determinar os parâmetros de discussão, ao mesmo tempo em que fornece um elenco de possibilidades de escolha para aqueles que pretendem expressar e legitimar suas idéias e condutas (ou contestar e denegrir as de outrem), constituindo-se, então, em um fator determinante das ações praticadas pelos agentes sociais envolvidos no debate político. (BASILE, 2001:91-92)

A proliferação de idéias via periódicos oitocentistas, embora tenha alcançado maior visibilidade na Corte, também ao norte do país propagou várias correntes de opinião.

A fala que vem das matas impressa na *Typographia*!

O papel desempenhado pelos periódicos oitocentistas no que tange as questões políticas e pedagógicas que suscitam, uma vez que direcionados a formação de uma opinião pública, encaminha um processo de formação e construção de um dado imaginário que determinada vertente queira imprimir na sociedade. (Cf. BASILE, 2001; NEVES, 1992; MOREL, 2000, 2003, 2005)

Expressa visões de mundo que instituíam falas transmitidas boca a boca, num enredar de disse-me-disse do cenário urbano, que eram apreendidas de diversas formas (convergentes ou antagônicas) de acordo com os interesses e interpretações pessoais dos atores sociais envolvidos na *Vox Populi* ou mais precisamente no que Arlette Farge (1992) denominou “opinião pública” no século XVIII. Isso posto que os sujeitos encontram-se permeados por traços discursivos e termos lingüísticos que se imiscuem a sua formação identitária (VOTRE, 2000).

No Brasil desde os anos de 1820 a esfera dos impressos, das vozes e dos gestos públicos constitui um importante material para redimensionar a historiografia brasileira em suas conformações políticas. Os panfletos e periódicos de caráter rudimentar, produzidos em tipografias rústicas, tornaram-se condutores de idéias proficuas e intensos debates nas lutas pelo poder institucional.

Durante o período regencial, entre 1832 e 1835, um conflito que envolveu proprietários de engenhos sob a bandeira restauracionista do trono a D. Pedro I, brancos e mestiços pobres, livres, que viviam como moradores ou lavradores, índios aldeados e negros fugidos, denominados “papa-méis” foi deflagrado nas matas do norte de Alagoas e sul de Pernambuco. O conflito foi denominado “cabanada selvagem” por Thomas Espíndola (2001) em 1871.

A guerra dos cabanos ganhou as páginas de periódicos nas duas províncias, ressoando em outras localidades, promovendo o temor de presidentes de províncias vizinhas e demais segmentos que não partilhavam das idéias revoltosas e enxergavam nas brechas criadas pelas cisões das elites regionais uma possibilidade consubstancial para que as ditas “classes perigosas” acendessem ao cenário político nacional com suas demandas sociais.

Dentre estas, liberdade para os escravos, posse de terras para diversas etnias, liberdade de culto religioso, etc. (MELLO, 2006:30-32)

Em janeiro de 1835, foi publicada a proclamação do chefe dos cabanos, Vicente Ferreira de Paula no *Diário da Administração Pública de Pernambuco*. Nesse documento manuscrito, datado de 16 de novembro de 1833, constam as palavras revoltosas do mulato que assumira a condução da guerra cabana para lhe dar uma feição eminentemente popular, mas cujo discurso expressava um léxico restaurador: “Jacobinos. Vós tendes abusado do nosso sofrimento, o qual não tem limites pois a todos os momentos nos estais cobrindo de apelidos e vitupérios que mais parecem de brutos do que de homens”. (DAPPE, 1835)

O líder cabano refere-se às alcunhas pelas quais os homens das matas eram apelidados nos periódicos oitocentistas de Pernambuco e Alagoas. Aquele a quem os ditos “civilizados” ressaltavam a barbárie, iniciava sua fala num tom de recriminação culta que subvertia o próprio discurso governista, destoando da forma pejorativa como era retratado no mesmo periódico (DAPPE, 1834):

*(...) vera V. Ex. o proveito tirado contra os **Saltia**dores por uma partida sahida de Paquivira, e do original da carta do **Saltia**dor Vicente Ferreira de Paula, de que trata o mesmo officio verá V. Ex. a perversidade deste infame chefe cabano, a quem não tem sido possível prender.[grifo meu]*

Os cabanos classificados como: *salteadores, facinoras, hordas de assassinos, ladrões, perversos, bandidos*, dentro outras adjetivações de cunho negativo constituíam a representação social do homem pobre conflitante com a ordem estabelecida. Nesse sentido podemos entender essa representação como uma elaboração de comportamentos inferindo na comunicação dos indivíduos (MOSCOVICI, 2003), bem como na construção de uma realidade comum a um conjunto social (JODELET, 2001), ou mesmo na reconstituição do real e atribuição de uma significação específica (ABRIC, 1994).

Construía-se o imaginário da barbárie do sertão personificada naquela liderança e seus comandados para reforçar um poderio militar legalista que recorrentemente havia fracassado em por fim ao conflito que se prolongava a ponto de gerar nos soldados governistas: “o medo da guerra eterna”.

Vicente Ferreira de Paula enfatiza ainda em sua fala direcionada aos seus algozes:

Vós rabiscáis nessas pardas proclamações forjadas na Aula da traição todas as sortes de imposturas e falsidades, pois chegais a afirmar que me não avistastes no fogo, sendo sempre o primeiro a perseguir-vos, nunca mudando trajés para que vos escape à vossa vista, e nem por isto tendes tido coragem de um por um me fazerdes frente! Deixai que vos diga que sois muito fugitivos, e que era mais próprio

entregar a espada e abraçar o fuso. Vede com que precipitação o vosso camarada Teto no fogo do Tigre largou a espada, e na fuga se salvou. Neste fogo conhecestes a perda que tivestes qual é nosso valor, e ainda vos lembra o choque de Bom Jordim, Farricosa, Vila, Bosque, Barra Grande e Massangano, e neste último tiramos um monstro que oprimia a humanidade! É desnecessário pintar-vos miudamente a grande perda que tendes sofrido, e só vos digo que já muitos de vós mergulhastes no Oceano, onde barraquearam vossas vidas! (DAPPE, 1835)

Com esse discurso a liderança cabana expõe a fragilidade governista e o poderio de seus combatentes das matas. Pois mesmo os relatos oficiais destinados a engrandecer os feitos militares e os sucessos do governo, terminavam por revelar os temores da administração e da sociedade com a grande mobilidade das forças cabanas que não se deixavam derrotar:

Em outro ponto os defensores da Pátria costumavão dormir a somno largo, e tão largo, que d'uma feita acordarão a força de repetidas facadas dos habitantes das Cabanas, que aproveitando se da oportunidade que lhes offerecia a occasião conseguirão fazer algumas mortes! (O Topinambá, 1832)

O Mentor Pernambucano aproveitava-se de seus escritos para criticar os governos provinciais de Pernambuco e Alagoas, com relação as suas ações dispendiosas e infrutíferas no combate aos cabanos. Dessa forma, no início de 1833, conclamava seus leitores:

lancemos hum golpe de vista sobre as authoridades estacionadas em Panellas, e ficaremos então convencidos, de que só aspiramos obter qualquer emprego, para fazermos a nossa felicidade, e que a felicidade Publica jaza no esquecimento, pouco nos importa. Sim, Srs., eu quizera que essas authoridades, de quem fallo me dissessem, onde se achao sepultados tantos e tantos contos de rs. Sahidos do nosso Thesouro para aquelle lugar, quando os nossos pobres soldados alli vivem lamentando-se, por não terem o que comer, e por não receberem aquelle jornal, que pelos seos relevantes serviços tanto merecem? Estarão por ventura seguindo o exemplo de dous individuos das Alagoas, cujos nomes oculto, porque o meo fim he corrigir o delicto, e não desmascarar o delinqüente, sim, estarão elles seguindo o exemplo desses dois homens zelosos do bom êxito dos negócios do Brasil, que dizem (vaiha-nos a verdade do tempo da guerra) recebem do Erário o dinheiro para o pagamento das tropas estacadas no Porto Calvo em prata, e fazem o pagamento em cobre prescinto, e sem valor? Oh! Tempos! Oh! Costumes! (O Mentor Pernambucano, 1833)

As palavras apontam a corrupção de representantes do governo, o desvio de dinheiro ocasionando os insucessos na condução das tropas legalistas que desertavam cotidianamente em função da escassez de viveres para garantir uma sobrevivência mínima, além dos pagamentos de soldos feitos em atraso ou com moedas falsificadas que não eram aceitas no comércio. Elementos esses que atuavam no prolongamento da guerra que “ceifava vidas e erários dos cofres públicos”.

Em Alagoas, provem do periódico *O Federalista Alagoense*, as informações sobre o conflito entre os cabanos de Jacuípe/ Panellas do Miranda e as forças militares provinciais, ressaltando a participação dos *Caramurus* na empreitada contra a terra que carecia de sossego para progredir:

O nosso actual Presidente dezenganado de que senão deve capitular com traidores, que huma vez o apanharão a Patria roubando-a sem reбуço, conheceo o perigo, que corríamos, e marchando immediatamente a Porto Calvo, e Barra Grande, foco de malvados, tomou as medidas conducentes a apagar o incendio apenas principiado. (O Federalista Alagoense, 1832).

Passagem reforçada pela proclamação de Vicente Ferreira de Paula ao declarar a relação do movimento cabano com o retorno de D. Pedro I ao trono:

Adoramos o nosso Imperador o Senhor D. Pedro primeiro, respeitamos seu Ausgusto Filho, porém odiamo-lo no caráter de Imperador, porque seu Pai não abdicou a Coroa Brasileira por sua espontânea liberdade, mas sim foi um roubo feito que todo o Brasil conhece! Tendes esse Jovem na companhia dessa carniceira Regência que pretende manietar os Brasileiros ao carro da miséria enquanto essa corruta Assembléia vai enstisicando os cofres públicos, e mergulhando-vos na baixaza. Esses homens só tem a mira em seus interesses e a sombra dessa decantada constituição pretendem sepultar o Brasil no caos do esquecimento. (DAPPE, 1835)

A apropriação do discurso restauracionista das elites proprietárias de homens e terras pelos segmentos populares cabanos foi compreendida pelos autores marxistas que trabalharam essa temática (ANDRADE, 1965; FREITAS, 1978; LINDOSO, 1983; ALMEIDA, 1995) como uma contradição da *práxis*. Mas o aporte das ciências sociais permite outro caminho possível de interpretação no qual as palavras do líder cabano que revelam o desenvolvimento de uma *hibridação*, ou seja: “processos socioculturais nos quais estruturas ou práticas discretas, que existiam de forma separada, se combinam para gerar novas estruturas, objetos e práticas”. (CANCLINI, 2006:XIX).

Nesse sentido: “a hibridação interessa tanto aos setores hegemônicos como aos populares que querem apropriar-se dos benefícios da modernidade”. (IDEM: XXII). Assim, os cabanos como filhos de seu tempo aproveitam-se das cisões entre as elites para desenvolverem ações contestadoras do *status quo*, mesmo de forma localizada e isso fica patente ao manterem seus roçados nas matas, com a posse de terras por ocupação e produção e vivenciando nas matas uma liberdade possível para escravos outrora submetidos às agruras da *plantation*. O discurso de aliança é a ponte que os direciona para um território onde emerge uma nova perspectiva de existência. Pois frente à desigualdade fundamental no exercício das

relações de poder; deve-se ter atenção às negociações possíveis entre senhores e escravos (THOMPSON,1997). Assim, no último trecho de sua carta Vicente Ferreira de Paula avisa e conclama:

Minhas tropas vão tomar toda a coragem, para patentearem ao Mundo inteiro seu valor.

Soldados. Corramos às armas, é tempo de acabarmos com quanto for jacobino.

Soldados. Viva a Religião Católica Romana. Viva o Nosso Imperador o Senhor D. Pedro Primeiro e Sua Augusta Dinastia. (DAPPE, 1855)

É do Brejo, em Pernambuco, nas “matas perigosas”, concebidas como: *brenhas* ou *esconderijos dos salteadores, espaço inculto*, posse de terra por ocupação (MENESES,1774/1918 – 1923) que se prolifera o terror de uma massa que deseja muito mais que o retorno do príncipe português, mas sobretudo anseia por ter seu valor reconhecido enquanto sujeitos que movimentam a história.

Referências Bibliográficas:

ABRIC, J. C. **Pratiques Sociales et Representations**. Paris: Presses Universitaires de France,1994

ALMEIDA, Luís Sávio de. **Memorial Biographico do Capitão de todas as matas**. Tese de Doutorado em História. Recife: UFPE, 1995.

ANDRADE, Manuel Correia de. **A Guerra dos Cabanos**. Rio de Janeiro: Conquista, 1965.

BASILE, Marcello. *Luzes a quem está nas trevas: a linguagem política radical nos primórdios do Império* In: **Revista Topoi**, v. 3, Rio de Janeiro: PPGHIS/UFRJ - 7 Letras, setembro de 2001. Pp.91-130.

CANCLINI, Nestor García. **Culturas Híbridas**. São Paulo: EDUSP, 2006

CARVALHO, José Murilo de. **A formação das almas. O imaginário da República no Brasil**. São Paulo: Cia. Das Letras, 1990

ESPÍNDOLA, Thomaz. **A Geografia Alagoana**. Maceió: Cataventos, 2001.

FARGE, Arlette. **Dire et mal dire. L’opinion publique au XVIIIe siècle**. Paris: Senil, 1992.

FREITAS, Décio. **Os guerrilheiros do Imperador**. Rio de Janeiro: Graal, 1978.

GUIMARÃES, Lúcia Maria P.; PRADO, Maria Emília (Orgs.) **O liberalismo no Brasil imperial**. Rio de Janeiro: UERJ/REVAN, 2001.

JODELET, Denise (Org.) **As representações sociais**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2001.

LINDOSO, Dirceu. **A utopia armada. Rebeliões de pobres nas matas do Tombo Real (1832-1850)**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983

MELLO, Janaina. *O perigo vem das matas*. In: **Revista Nossa História**, Ano 4/ nº 37, São Paulo: Vera Cruz, Novembro/ 2006. Pp.30-32

MOREL, Marco. **O período das regências (1831-1840)**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

_____. **Cipriano Barata e a sentinela da liberdade**. Salvador: Academia de letras da Bahia, 2000

_____. **As transformações dos espaços públicos. Atores políticos e sociabilidades na cidade Imperial**. São Paulo: Hucitec, 2005.

_____; BARROS, Mariana Monteiro de. **Palavra, imagem e poder. O surgimento da imprensa no Brasil do século XIX**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais. Investigações em psicologia social**. Petrópolis: Vozes, 2003

NEVES, Lucia Maria Bastos Pereira. **Corcundas, constitucionais e pés-de-chumbo: a cultura política da independência. 1820-1822**. Tese de Doutorado em História. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 1992.

RELATÓRIO DO CAPITÃO-GENERAL JOSÉ CÉSAR DE MENESES. Idéia da população da Capitania de Pernambuco e das suas anexas, extensão de suas Costas, Rios e Povoações notáveis, agricultura, número de Engenhos, Contratos e Rendimentos Reais, aumento que estes tem tido & desde o ano de 1774 em que tomou posse do Governador das mesmas Capitâneas o Governador e Capitaim General... In: **Annaes da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro**, vol. XL (1918). Rio de Janeiro: Oficinas Gráficas da Biblioteca Nacional, 1923.

THOMPSON, E. P. **Senhores & Caçadores**. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

VOTRE, Sebastião. **Linguagem, identidade, representação e imaginação**. Rio de Janeiro: Digitado – UNIRIO, 2000.

Fontes:

Diário da Administração Pública de Pernambuco. nº 1, Tomo 5º, Vol. 3, 02/01/1835; 1834
In: APE

O Federalista Alagoense. Jornal Político, Literário e Moral. nº 19, 03/10/1832. Maceió. In: Biblioteca Nacional (BN), sessão de microfilmes (Obras Raras)

O Mentor Pernambucano, nº 1, 01/01/1833. In: APE

O Topinambá, nº 12, 27/11/1832. In: Arquivo Público de Pernambuco (APE)